

# de SOL a SOL

## elenco de colaboradores:

Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Alberto Lima, Alberto Serpa, Alexandre Jorge Gonçalves, Alves Costa, António Sergio, Artur Augusto, Artur Justino, Cardoso Júnior, Carlos de Sousa Estrada, Castelo Branco Chaver, Eduardo Braga, Eduardo Scarlatti, Eurico Tomaz de Lima, Ferreira de Castro, Frederico Alver, Hernâni Cidade, Jaime Brasil, Jaime Cirne, João Alberto, João de Barros, José Régio, Julião Quintinha, Luís de Sanjosto, Lygia, Mando Martins, Manuel Filipe, Manuel Inácio de Faria, Maria Aurea, Maria Emilia, Maria Raquel, Mário Dionísio, Marques Matias, Miguel Torga, Nuno Simões, Sant'Ana Dionísio, Sérgio Augusto Vieira, Vasco da Gama Fernandes, Vinha dos Santos, Vitorino Nemésio, etc.

## Outra vez o caso da Etiópia

Está por certo bem vivo na memória de todos que logo após a conquista da Abissínia a imprensa italiana se alagou de compactos artigos hostis à Sociedade das Nações e em especial à Inglaterra. Quê? Então os valentes soldados da Itália, os heróicos camisas negras viviam levado na boca dos seus canhões a Civilização à terra bárbara que regaram com o sangue de milhares e milhares de mártires, e agora, conquista feita, Civilização derramada, não reconheciam o acto consumado? Oh!, mas injustiça tamanha gritava aos céus! Sim, talvez grite, dizila lá de longe a calma Albion, mas a anexação do reino do Négus foi um acto de violência inaudita, e virtualmente, portanto, essa anexação para nós não existe: a Deus o que é de Deus e a César o que é de César. Isto e muito mais proclamava alto a Inglaterra. Pois agora, meia dúzia de meses corridos, pensa coisa bem diferente. Já não protesta, já não fala em violência. Apona Genebra:—A Sociedade das Nações que resolve. E, baixo, talvez segrede à sua amiga—amiga, realmente?—de ditas: «E, enfim, eu lá com a minha influência larga farei o que possa».

Entretanto em Fairfield, arredores de Bath, no próprio Reino Unido, Hallé Selassié I, Rei dos Reis, Leão de Judá, imperador Cristiniano da Abissínia, mais ingénuo que um nosso maior da idade das cavernas, espera «voltar à sua pátria no bom tempo de Deus».

## Nosso destino de poetas...

Publicou-se recentemente o livro do curso do V ano médico, 1937-38. Os leitores se lhes disserem que se trata duma **chochice**, compreendem bem o que, com isso se quer dizer. É um livro onde a infelicidade lamentável duma veia poética fallhada **chochamente** estrebucha em versinhos duns estudantes a outros dedicados, sem humorismo, sem espírito gracioso, sem graça na caricatura e no dizer. Triste fadário o nosso de poetas! Que coisa lamentável, simplesmente lamentável—e não, apenas, censurável. Homens que se formam, para um destino prático, e que não puderam—ou não quiseram, pior ainda—apresentar como livro do seu curso um conjunto de trabalhos que, embora tivesse as fallhas do que é incipiente, fôsse uma afirmativa de vontades fortes e indicasse que, na vida futura, não se resignariam ao papel de poetas **chóchos**, de líricos sem unhas para tocar guitarra, mas sim ao de Hipócrates sérios, tenazes no combate aos males humanos. Frente a isto tem-se

uma ideia triste da nossa mentalidade e não é um alívio ou um consólo o que nos vem daqueles versos. Um desaire nos agita e, ainda assim, a ideia de lutar contra o nosso destino de **poetas** nos domina insistente e subjugadora.

## Cegueira da intolecância

O senhor Júlio Dantas, que alguns noticiários bemfazejos rotularam de «príncipe» das letras portuguesas contemporâneas, vem de publicar em **O Primeiro de Janeiro** de 12 d'êste mês, uma crónica ou coisa parecida, com os seguintes dizeres no cabeçalho: «Arte precária, técnicas destumbrantes». O assunto, debatido em coluna e pico de prosa, é, está a ver-se, a Arte—e nomeadamente o certame artístico da Exposição Internacional de Paris. Sem tirar nem pôr, o artigo reduz-se a isto: um ataque cerrado, vamos a dizer bilioso, à arte vulgo denominada modernista. Assim, diz êste acadêmico: a civilização actual «possue da arte nas suas mais elevadas manifestações, uma concepção quasi mancomunial». As modernas obras architectónicas—afirma a seguir—são «aflictivos lugares—comuns em cimento, em ferro, em tejo, em vidro, destinados, segundo parece, a criar no homem de 1937 a multi-milenária saúde das cavernas e dos dolmens!» Dos architectos, diz: «constructores do absurdo e do inverosímil»—e da pintura: «Será talvez fácil reconciliar os pintores uns com os outros; mas não os pintores com o público, enquanto a pintura, subordinada ao monstruoso cânon cubista e expressionista, se mantiver alheia ao verdadeiro sentido da beleza e da dignidade humana.»

Lendo isto fica-se pasmo. Como membro da Academia o senhor Júlio Dantas tem as suas responsabilidades; como homem, naturalmente, tem as suas opiniões, os seus gostos, as suas preferências. Vara-se de gozo, por exemplo, diante das catedrais góticas do século XVIII—e é possível que prefira o conhecimento de um duque ou de uma simples condessa, às relações de um **chauffeur** ou uma vendedeira de frutas. Se, portanto, a sua sensibilidade e a sua simpatia rumam deliberadamente a um ponto, por que não reconhecer aos outros o direito de tomarem caminho diverso? Dogmatismo estreito—haverá dogmatismo que o não seja?—nos parece êste de chamar monstro a um ser, pela simples razão de, frente à Vida, não vibrar como nós. Diríamos ainda—se não soubéssemos que a intolerância é cega—que a atitude d'êste **príncipe**, como outras onde se clama: no Mundo só uma opinião, a minha!—que esta atitude, dizíamos, é ridícula.

SOL  
marcante

Quinzenário cultural  
de literatura e crítica

a 1 e 15 de cada mês

Pôrto, 15 de Agosto de 1937—Ano primeiro—Número treze

ASSINATURAS  
(PAGAMENTO ADIANTADO)  
Série de 5 números, 5 ESCUDOS

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA